



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17285 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

Representações sociais e relações de gênero: perspectivas sob o olhar infantil

Viviane de Bona - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Lívia Monteiro Rodrigues Lira - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: Propesqi/UFPE

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E RELAÇÕES DE GÊNERO: PERSPECTIVAS SOB O OLHAR INFANTIL

1 INTRODUÇÃO

A construção histórica da infância foi o resultado de um processo complexo de produção de representações sobre as crianças, de estruturação de seus cotidianos e mundos de vida. Conseqüentemente, a escola passa a assumir um papel central como instância pública de socialização e âmbito de desenvolvimento das várias infâncias existentes dentro da infância “global” (Sarmiento, 2004). Nas interações entre as crianças, é possível perceber as relações de gênero e poder nos modos como se organizam e resolvem conflitos, resistindo ou reproduzindo as normas destinadas às meninas e aos meninos (Fernandes; Finco, 2022). Portanto, buscar promover diálogos sobre o protagonismo infantil na desconstrução de estereótipos de gênero presentes no processo educativo apresenta-se como questão *sine qua non* para alcançar uma dinâmica de transformação social dos significados que vão além dos corpos, do sexo biológico e das oposições binárias das identidades (Vianna; Finco, 2009).

Em vista disso, a presente pesquisa visou identificar quais as representações sociais que crianças de 9 a 11 anos de idade de escolas públicas municipais de Recife-PE compartilham acerca dos papéis de gênero. Assim, a investigação utilizou-se da Teoria das Representações Sociais (TRS) de Moscovici (2007) para compreender as formas de conhecimento social e modos interpretativos da realidade cotidiana sob a perspectiva infantil no cenário escolar. Pois, esse prisma

de elaboração teórica desenvolvido por Serge Moscovici (2007), afirma que as representações sociais são fenômenos que necessitam de uma explicação pautada na dinamicidade característica das mudanças sociais, consideradas a partir de sua própria complexidade social. Ou seja, as representações sociais configuram-se de maneira a permitir uma construção e intervenção no contexto concreto e na comunicação das pessoas e grupos sociais, que são, por sua vez, dotados de um acervo cultural definido por códigos, valores e ideologias ligadas a pertencimentos sociais específicos (Bona, 2022). Dessa forma, no contato com outras crianças, o protagonismo infantil adquire seu destaque, e a potencialidade desse convívio, em suas diversas formas de relação, pode propiciar novas interações e indagações sobre o seu próprio universo (Vianna; Finco, 2009).

Portanto, de modo a entender o acervo literário disponível na linha temática da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico das publicações que envolvem estudos de gênero na plataforma online da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Destaca-se a produção de artigos do grupo de estudo/trabalho (GE/GT-23) sobre Gênero, Sexualidade e Educação, responsável pela elaboração de 248 trabalhos publicados no período de 2004 a 2021. Porém, apenas 17 desses artigos abordaram as questões de gênero, infâncias, e educação de maneira inter-relacionada. Dessarte, nitidifica-se a importância da pesquisa que abrange as conexões entre as crianças como sujeitos ativos na construção das identidades, das representações sociais que as atravessam e das pedagogias inclusivas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Instrumentos de pesquisa

A investigação foi pautada a partir de uma abordagem qualitativa, na qual a flexibilidade, liberdade, criatividade e, também, o rigor atuaram como motores para a articulação metodológica (Abadia; Sousa, 2023). Assim, a estruturação do estudo teve início após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da anuência da Prefeitura do Recife e das instituições envolvidas, bem como do consentimento dos responsáveis pelas crianças. A técnica de Grupo Focal (Gatti, 2005) - grupos entre 6 e 12 pessoas que possuem alguma característica em comum e vivência com o tema discutido - foi escolhida para guiar a pesquisa. Uma vez que o trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, as ideias partilhadas por pessoas no cotidiano e os modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros (Gatti, 2005).

Foram realizadas quatro visitas a duas escolas públicas municipais de Recife - PE, contando com a participação de 31 crianças no total, além de um observador

e um auxiliar de câmera e microfones. Nas duas primeiras idas às escolas foram colocados em prática os estudos pilotos, organizados por um roteiro previamente estruturado, que se baseou na dinâmica adaptada “Eles e Elas não podem”, do projeto ArtPad (MacCarthy; Galvão, 2001). Após a entrega do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para os participantes, iniciou-se um momento de *rapport* (Lima, 2019), acolhendo as crianças e discutindo temas neutros e do interesse delas. Os estudantes foram direcionados a se sentarem num semicírculo, favorecendo a interação entre eles e a gravação em vídeo. Foram perguntados os nomes, idades, ano escolar e nome fictício da preferência de cada um. Crachás foram distribuídos com canetas coloridas, e em seguida foi aplicada a primeira dinâmica, que consistiu em três cartazes com as palavras “Menino”, “Neutro” e “Menina” dispostos no chão ou em mesas e a apresentação dos seguintes objetos que deveriam ser classificados pelas crianças nas categorias supracitadas: boneca, carro, lápis, colher, panela, batom, relógio, tiara, tênis, salto, esmalte, caixa de som e pente. Quando os participantes acabaram as classificações e explicaram o porquê de terem escolhido tais categorias para os respectivos objetos, participaram de um diálogo respondendo às seguintes perguntas: “Sobre eles e elas não podem algo, o que vocês acham sobre isso?”; “O que para você diferencia homem e mulher? Ou não tem diferença?”; “O que você mais gosta em você e o que você mais gosta de fazer?”. Finalizada a discussão, iniciou-se o segundo grupo focal que seguiu o mesmo processo, diferenciado apenas pela dinâmica de categorizar cartazes com as seguintes funções sociais: pedreiro(a), doméstica(o), confeito(a), motorista, engenheiro(a), dançarino(a), médico(a), atleta, professor(a), agricultor(a), lavar roupa, lavar prato, forrar a cama, varrer a casa, cozinhar, lavar carro, pagar contas, lavar o banheiro, molhar as plantas e trocar lâmpada. Foram feitas depois mais duas visitas às escolas para as sessões oficiais, finalmente a transcrição do material audiovisual gravado e a análise dos dados por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2001), em vista do caráter qualitativo da pesquisa.

2.2 Resultados e discussões

Os resultados das dinâmicas apresentaram a classificação dos objetos majoritariamente da seguinte forma: neutro - colher, caixa de som, panela, relógio, lápis, tênis, pente, bola; menino - carrinho; menina: salto, boneca, tiara, esmalte, batom. A maioria foi classificada sem grandes divergências, porém, os participantes dos grupos focais começaram a discordar mais a partir da classificação do carrinho. Como exemplo, alguns estudantes argumentaram que meninas também podiam brincar de carrinho, mas era “de menino” porque esses brincam mais. As interações e discussões sobre o pertencimento do carrinho as categorias de “menino” ou “neutro” levaram a mudanças de opiniões de alguns integrantes: *“Porque a gente agora escutou nossos amigos falando, aí agora a gente entendeu mais sobre que carrinho é neutro” (sic) (Maria); “Tipo, qualquer menina pode brincar*

com a gente, a gente não vai xingar ela porque ela é menina e tem que brincar com outras coisas (...)" (sic) (Pedro). É essencial destacar a observação levantada na fala de Pedro (nome fictício) sobre o possível comportamento de "xingar" uma menina por estar realizando uma atividade que não se adequa a norma social imposta na idealização da feminilidade. Pois, segundo Bueno (2006), as representações de gênero muitas vezes não refletem a verdadeira identidade do sujeito, e uma das possíveis implicações envolve a visão desigual que atribui a homens e mulheres padrões de condutas rígidos e que podem se cristalizar em condutas antissociais, geradoras de violências físicas e simbólicas.

No tocante às funções sociais, a categorização se estabeleceu também com poucas divergências: menina - dançarina, molhar as plantas e confeitaria; menino - pedreiro, engenheiro, trocar lâmpada e lavar carro; neutro - todas as demais. É interessante destacar que em um dos grupos pilotos surgiu uma indagação sobre o que seria exatamente o significado da categoria "neutro", visto que não é um descritor que costuma se apresentar junto ao binômio de gênero (masculino-feminino) vigente no contexto social dessas crianças. Após receberem a explicação de que o "neutro" poderia se referir a objetos que se encaixam tanto no gênero masculino, quanto no feminino ou até mesmo em nenhum dos dois, os estudantes compreenderam rapidamente a proposta para a categorização. Ao final, quando se depararam com a pergunta sobre o porquê das atividades e profissões neutras não poderem ser só de menino ou só de menina, alguns participantes discorreram: "*Geralmente engenheiro não é mais sobre o gênero e sim sobre a inteligência*" (sic) (Felipe, 11 anos); "*Pagar conta: porque cada um, tipo, compra alguma coisa e um paga a metade e outro paga a outra metade*" (sic) (Clark, 11 anos).

Desse modo, resgata-se as ideias de Bueno (2006), ao perceber que a identidade não está só, ela articula-se com a representação social que nos (re)presenta publicamente e ainda, a identidade individual não é socialmente reconhecida, mas coletivamente representada pelo seu gênero, raça, ideologia, orientação sexual, e outros aspectos do sujeito.

Ademais, com relação a discussão sobre o que "Eles e elas não podem" as respostas se dividiram entre "meninos e meninas podem fazer o que quiserem" e "até podem, mas serão julgados pela sociedade". Ao serem questionados sobre as diferenças (ou não) entre homens e mulheres, a maioria das crianças associou os contrastes a traços físicos como cabelo, corpo, roupas, enquanto uma minoria alegou que não havia diferenças. Para ilustrar um desses relatos: "*Não tem diferença nenhuma. Porque se o povo fica dizendo 'a mulher não pode trabalhar disso, só homem, é porque mulher recebe mais pouco dinheiro que os homens, e os homens só subindo mais na hierarquia do que as mulheres. Eu acho isso errado porque como mulher eu tenho meus direitos (...)*" (sic) (Lua). Assim, as arguições da participante exemplificam como, através de processos culturais, definimos o que é,

ou não, natural, produzimos e transformamos a natureza e a biologia e as tornamos históricas, e conseqüentemente alcançamos a noção de que os corpos ganham sentido socialmente (Louro, 2001).

Diante da análise do conteúdo representacional apresentado nos relatos das crianças participantes, pode-se perceber como os processos de formação de condutas e orientação da comunicação social relativos aos papéis de gênero influenciam nas suas falas e posicionamentos. Embora muitos objetos e funções sociais tenham sido classificados como “neutros”, as justificativas nos discursos quanto ao feminino e masculino remeteram frequentemente às questões biológicas e aos estereótipos de gênero imbricados na sociedade. Além de declarar que meninos ou meninas nasciam com certas habilidades e inclinações para brincadeiras, profissões e atividades, também foi argumentado, em diversos momentos, que as diferenças do poder ou não poder entre homens e mulheres é algo que as crianças escutam dos seus familiares, amigos e demais indivíduos da esfera social. Contudo, para além de internalizar e reproduzir os padrões observados nos cotidianos, várias crianças foram capazes de externalizar suas opiniões apresentando divergências e indagações pertinentes que fogem às expectativas da binaridade e desigualdade dos papéis de gênero. Na prática, essa divisão de significações e posicionamentos indica o potencial transgressor e transformador que uma educação de qualidade sobre as questões de gênero e sexualidade pode proporcionar.

3 CONCLUSÃO

Inferre-se então que existe um movimento dialético entre as influências das representações sociais acerca das questões de gênero no panorama infantil e o potencial das resistências ativas das crianças quanto às construções de suas identidades. Ou seja, o indício de uma lógica desconstrutiva das imposições sociais limitantes e a tendência para aprender e ressignificar conceitos a partir das interações demonstra o aspecto indispensável do protagonismo infantil para transformar a realidade vigente. Por fim, para que seja possível oportunizar práticas pedagógicas mais inclusivas, sugere-se a realização de pesquisas com os corpos docentes acerca das representações sociais sobre relações de gênero. Pois, quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total: diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência principalmente visando uma realidade acolhedora dos protagonismos infantis (Freire, 2021).

REFERÊNCIAS

- ABADIA, Lília Rolim; DE MENESES SOUSA, Carlos Ângelo. Como fazer análise de conteúdo? Relato de experiência de uma oficina de metodologia da pesquisa. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 25, p. e023003-e023003, 2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2001. Tradução de: L'Analyse de Contenu.
- BONA, Viviane de. **Estudo das práticas docentes: representações sociais em foco**. Belo Horizonte: Caravana, 2022.
- BUENO, C. M. L. B.. O Papel Das Representações Sociais E Da Educação Para O Desenvolvimento Da Identidade De Gênero. **Bras Crescimento Desenvolv Hum**. v. 19, n. 3, p. 92-103, 2006.
- FERNANDES, N. A.; FINCO, D. Diálogos Necessários de Gênero: Olhares e Culturas que se Entrecruzam na Educação Infantil. **Revista Interações**, [S. l.], v. 18, n. 61, p. 233–257, 2022.
- FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- GATTI, B. A.. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas** Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- LIMA, Maria. **Introdução às leituras de Lev Vygotski: debates e atualidades na pesquisa**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.
- LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MACCARTHY, July; GALVÃO, Karla. **ARTPAD: Um recurso para teatro, participação e desenvolvimento**. DiFID, UK, Brasil e Peru, 2001.
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 5.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004.
- VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**. p. 265-283, 2009.

Resumo: Este trabalho teve o intuito de analisar as perspectivas infantis sobre as relações de gênero de acordo com a Teoria das Representações Sociais. Tendo em vista que a escola é um dos primeiros cenários de socialização e construção das identidades, foram realizadas cinco sessões de grupos focais com 31 crianças do quarto ao sexto ano do Ensino Fundamental em duas escolas municipais de Recife, Pernambuco. A análise de dados resultante das dinâmicas aplicadas mostrou que no conteúdo representacional capturado pelos discursos das crianças participantes, ficou evidente que os processos de formação de condutas e orientação da comunicação social relativos aos papéis de gênero influenciam as suas falas e posicionamentos. Reitera-se, então, a necessidade do papel ativo das infâncias para a promoção da igualdade de gênero e pedagogias inclusivas das

multiplicidades de formas de ser.

Palavras-chave: Educação, Gênero, Infâncias, Representações Sociais.